

“Ele se torna uma linda mulher dentro do ringue”: construções de gênero entre narrativas, encantamentos e lutas

“He becomes a beautiful woman in the ring”: constructions of gender between narratives, incantations and fights

Neilton dos Reis

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Coordenador do GESED (grupo de estudos e pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade)

e-mail: neilton.dreis@gmail.com

Roney Polato de Castro

Professor adjunto da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Coordenador do GESED (grupo de estudos e pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade)

e-mail: roneypolato@gmail.com

O que podemos aprender com um filme? Que processos de (des)subjetivação estão em jogo no atravessamento de narrativas? Este trabalho configura-se a partir de provocações e desdobramentos com uma pesquisa em educação, que investe na potencialidade de encontrar com sujeitos que se autoidentificam como não-binários no que diz respeito às suas expressões e performances de gênero. Pensar educação com esses sujeitos e suas experiências é colocar em foco os processos de subjetivação que constituem o sentido do que somos, os modos como nos colocamos no mundo, as experiências vividas na relação com normas e na produção ativa de resistências. Uma pesquisa em educação acompanhando as narrativas de sujeitos que ousam colocar-se contrariamente a um mundo binariamente organizado. Uma pesquisa em educação que se movimenta com uma proposição: esses sujeitos, os sentidos do que

são, suas performances e expressões podem nos conduzir a pensar processos educativos, para além do que social e culturalmente vem se estabelecendo como ‘educativo’.

Foram três os sujeitos que encontramos – todos residentes em Juiz de Fora, Minas Gerais – e que conversamos em dois encontros individuais com cada um. Para o primeiro encontro discutimos as linhas de fuga a não-binaridade que permeiam suas experiências, bem como suas trajetórias de vida, relações e (re)invenções das performances de gênero; para o segundo, investimos sobre os currículos (escolares e não-escolares) que foram ao/de encontro com as experiências não-binárias, perpassando por narrativas de músicas, filmes, livros, movimentos sociais, escola, família etc. São narrativas dos segundos encontros que trazemos para essa argumentação, investindo na proposta de tomar como objeto de análise as pedagogias que se produzem onde há espaços de produção de saberes e relações de poder, pedagogias a partir das quais aprendemos a ser o que somos, a dar sentido ao mundo e a agir sobre os outros e sobre nós mesmos/as. Currículos de narrativas que costumam, frouxamente, as subjetividades, possibilitando que ocupemos lugares sociais e participemos dos jogos de verdade que organizam as relações.

Para este trabalho selecionamos oito excertos da narrativa de apenas um dos sujeitos que constroem a referida pesquisa: Elfo¹. Essa escolha não é arbitrária. Foi Elfo quem trouxe em sua narrativa experiências de si a partir do filme *Beautiful Boxer*. E foram essas narrativas que nos movimentaram a escrever esse texto. Assim, intentamos perpassar por algumas imersões nas *narrativas de si* de Elfo e de sua leitura da narrativa do filme. Interessa-nos propor um diálogo entre a narrativa fílmica e a narrativa de si, a fim de problematizar os processos de (des)subjetivação de uma pessoa que busca se diferenciar do binário feminino/masculino – entendendo subjetividades como sendo “esses modos pelos quais nos tornamos sujeitos, são modos de subjetivação que são construídos ao longo da História” (FERRARI, 2010, p.9). Para tal, recorreremos ao campo teórico dos estudos pós-críticos que tem lançado mão das desnaturalizações dos binários que constituem os sujeitos e possibilitado constituir modos de análise que tomam a linguagem e a cultura como centrais nos processos de subjetivação, contextualizando-os a partir de instâncias diversas que

¹ Nome fictício escolhido pelo sujeito da pesquisa.

participam da invenção dos sentidos sobre o mundo. Assim, interessam os discursos, as narrativas produtoras de realidades, instauradoras de verdades que costuram o tecido do social e da cultura.

Antes de construir esse diálogo nos propomos a uma breve apresentação tanto de Elfo quando de *Beautiful Boxer*. À época da entrevista, que ocorreu em outubro do ano de 2016, Elfo possuía 31 anos, sendo natural da cidade de Juiz de Fora - MG. Possui graduação em Filosofia, mora com a família e foi designada como gênero feminino ao nascer. Durante as conversas, sempre mostrou forte encantamento com as diferenças de gênero e de performances de gênero. Como, por exemplo, quando diz das performances de Drag Queen:

Excerto 1: “Aí minha mãe depois, quando começaram as paradas² aqui em Juiz de Fora. Às vezes minha mãe me trazia pra ver. E eu me encantava com as drags. Eu achava aquilo fantástico. Bem o que eu quero pra minha vida. Eu tinha uns 6 ou 7 anos. Então foi assim, eu sempre tive essa admiração muito grande pelas travestis, pelas drags. E eu queria abraçar, queria tocar, e minha mãe “não”. Aí quando minha mãe começou a perceber ela começou a parar de me levar.”
(Elfo – 2016).

O encantamento e a admiração são elementos relevantes para pensar o atravessamento de narrativas entre Elfo e o filme, já que a personagem central da película, ao expressar sua inconformidade com os ditames normativos, encanta-se com um mundo aparentemente distante do que por ela é habitado: o mundo feminino. E é no mesmo sentido de encantamento que Elfo narra suas impressões sobre *Beautiful Boxer*. O filme, de origem tailandesa, foi dirigido por Ekachai Uekrongtham e lançado em 28 de novembro de 2003. Recebeu prêmios de melhor filme, melhor direção e melhor atuação (para Asanee Suwan, protagonista) em festivais como Torino International Gay & Lesbian Film Festival, Thailand National Film Association Awards e Milan International Lesbian and Gay Film Festival (HEITER, 2010). A produção gira em torno da história real de Nong Toom e suas experiências enquanto transexual: um lutador de *muaythai* (boxe tailandês) designado enquanto homem ao nascer, e que decide investir na carreira de lutador e disputar o torneio nacional para ajudar sua família e viabilizar seu sonho de passar por tratamentos hormonais e cirurgias de transgenitalização. O filme apresenta a vida de Nong Toom e sua luta para

² Referência às Paradas do Orgulho LGBT até então organizadas pelo movimento social em Juiz de Fora – MG.

ser e estar no mundo de acordo com o entendimento subjetivo que tem de si mesmo a partir das referências culturais de masculino e, especialmente, de feminino disponibilizadas culturalmente. Temos, portanto, a história contada por Nong no momento em que é entrevistada por um repórter que desejava escrever sobre sua trajetória de vida.

Concluídas tais apresentações iniciais, indicamos que esse texto está dividido em quatro partes: essa introdução, seguida de um debruçar mais demorado sobre a narrativa do filme através do que nos conta Elfo, na qual pensamos alguns atravessamentos generificados de filme-vida; após, passamos a uma leitura da narrativa fílmica e o que ela nos dá a pensar acerca dos processos de subjetivação, mais especificamente de tornar-se um sujeito de gênero feminino. Concluimos com algumas considerações finais sobre as temáticas abordadas.

1. “Ele se torna uma linda mulher dentro do ringue” – atravessando filme e experiências

Durante a conversa com Elfo, enquanto o diálogo caminhava por suas referências culturais, produzimos o questionamento: *“o que você percebe das questões de gênero dentro dessas coisas que você gosta de arte, de cinema? Você vê um viés de gênero e sexualidade dentro dessas produções?”*. Foi então que a experiência de assistir *Beautiful Boxer* foi acionada e narrada. Elfo passou a uma descrição do filme através de cenas, falas e afetações. Selecionamos cinco trechos da narrativa que dizem de cinco momentos do filme. Eles nos servem de base tanto para percorrer a história do filme quanto para pensar as (des)subjetivações dessa experiência de assisti-lo/narrá-lo.

Excerto 2: “Ele é um lutador. Começa com um rapaz procurando ele [o lutador] tipo numa cafeteria aonde ele fazia shows – que no caso já era ela. E ela já tinha ido embora. Então esse rapaz, esse jornalista, vai atrás dela. [...] Aí quando vai ver, o rapaz que tava procurando ela se mete numa confusão e de repente ela chega brigando, bate nos rapazes tudo com um salto alto desse tamanho, 18cm mais ou menos. Batendo e tal. E pega ele e leva pra o tal café onde que ele tava. E então ele começa a perguntar como que foi a vida dela, como que tudo começou. Então ela começa a contar...”.

(Elfo – 2016).

Iniciamos esse debruçar sobre a experiência de assistir/narrar *Beautiful Boxer* com esse trecho não apenas por ele representar o início do filme para Elfo, mas também pela potencialidade que ele traz para a construção desse trabalho: a construção da narrativa de si. O ato de narrar-se é produzido a partir de uma relação. Toda palavra, todo conceito é emergente de um jogo. Jogos que poderão ser o disparador da experiência não apenas para as pessoas que narram, mas também para quem ouve. A pesquisa na perspectiva pós-estruturalista nos territorializa com parcialidades, afetos, sentimentos. Para Cecília Galvão,

a narrativa, como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa. Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo. (GALVÃO, 2005, p. 330).

Narrar é construir uma imagem de si. Cada trecho sobre a qual nos demoramos pode provocar (des)subjetivações em todas as pessoas envolvidas do diálogo. A produção de narrativas compõe com outros dispositivos de autor-reflexão e autoexpressão para a produção de experiências de si pelos sujeitos. Com Jorge Larrosa analisamos que a experiência de si é resultado de “um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade.” (LARROSA, 2002, p. 43). A produção de narrativas participa, portanto, da elaboração de experiências e sentidos sobre si e sobre o mundo. Ao contar sobre o filme, Elfo não apenas descreve as atitudes de uma personagem, mas fala também de si, compondo um atravessamento filme-vida (*Beautiful Boxer* – Elfo). Estamos nos referindo a algo para além das semelhanças de trajetórias de vida e situações, mas ao próprio sentido de construção dessa imagem: uma mulher numa cafeteria na Tailândia contando sua história para um jornalista desconhecido é tão potente quanto uma pessoa contando suas inquietações a um jovem pesquisador numa praça de alimentação de um shopping no Brasil. Com Larrosa (2002) problematizamos esse investimento subjetivo, uma vez que “o que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que constamos a nós mesmos.” (p. 48). O atravessamento filme-vida, Elfo-Nong Toom, se coloca com a operação de contar histórias sempre em relação a outras histórias, que escutamos e lemos, e que,

de alguma maneira, “nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas.” (id.).

O trecho da narrativa de Elfo nos direciona também para outra análise. Em pesquisas anteriores (DOS REIS e PINHO, 2016), podemos identificar que, muitas vezes, as pessoas que se identificam como não-binárias acionam os padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade para construírem suas performances de gênero. Nesse sentido, ao não se sentirem pertencentes a esses padrões, produzem experiências que denominarão enquanto não-binaridade de gênero. Para a expressão dessa diferença ao binário elas utilizam, por vezes, um movimento de “mistura” dos signos ligados ao feminino e com outros ligados ao masculino. Podemos, assim, pensar a atenção que Elfo dispensa aos detalhes das cenas narradas nessa perspectiva: o salto de “*18cm mais ou menos*” ocupa o mesmo corpo que os movimentos de briga. Como indica Judith Butler, “quer estejamos nos referindo à ‘confusão de gênero’, ‘mistura de gêneros’, ‘transgêneros’ ou ‘cross-gêneros’, já estamos sugerindo que gênero se move além do binarismo naturalizado” (BUTLER, 2014, p. 254).

Prosseguindo a história do filme, Elfo conta:

Excerto 3: “Eles eram de uma família pobre, humilde e tal. E que tinha uma casinha. E que eram 3 ou 4 irmãos. Até que um dia num jantar ele aparece com a cara toda pintada, e o pai dele tipo olha com uma cara e os irmãos começam a rir e a mãe também. Aí o pai depois conversa com a mãe sobre essa questão. E se realmente ele fosse? A mãe falou assim ‘o que que tem? Vamos acolhê-lo do mesmo jeito’. E isso me fez pensar muitas coisas sabe. E aí o filme vai em toda essa trama.” (Elfo – 2016).

Como já sinalizamos com a narrativa de Elfo do início do texto, a família muitas vezes se configura como um território no qual se afirmam potentes processos de subjetivação. Quando pensamos nos sujeitos que constituem performances, expressões, corpos dissidentes das noções constituídas de normalidade, as famílias aparecem como esses locais de reafirmação das normas e reiteração dos valores hegemônicos, utilizando de mecanismos educativos que visam, nesses casos, vigiar e controlar para corrigir, readequar e, frequentemente, a punir. Caminhando com Michel Foucault, identificamos nas narrativas o caráter regulador dessa instituição: “a família é que vai ser o princípio de determinação, de discriminação da sexualidade, e também o princípio de correção do anormal” (FOUCAULT, 2001, p. 322). Dessa maneira, ela se ca-

racteriza como um instrumento que governa a identidade, os corpos e as relações dos sujeitos.

É a partir das diferentes práticas normativas apontadas por Foucault que a condução é realizada e os modos de ser e estar são regulados. Há correção, por exemplo, quando a mãe opõe resistência ao desejo de Elfo de “abraçar” e “tocar” as drags; ou, na narrativa do filme, quando “o pai dele tipo olha com uma cara e os irmãos começam a rir e a mãe também”. A preocupação do pai com o que Nong Toom é ou será compõe o papel instituído das famílias na educação como modo de incorporação das normas, de naturalização dos comportamentos sadios e normais, o que afeta sobremaneira a constituição das expressões de gênero. Nong e Elfo sabem, desde a infância, que suas performances destoam do esperado, pois isso é apontado por suas famílias.

Entretanto, outra dimensão é acionada por Elfo e produz nova reflexão: o acolhimento. Pensamos que esse acolhimento funciona como uma proposta de pedagogia: “acolher o outro como outro e o estrangeiro como estrangeiro; acolher outrem, pois, em sua irredutível diferença, em sua estrangeiridade infinita, uma estrangeiridade tal que apenas uma descontinuidade essencial pode conservar a afirmação que lhe é própria” (BLANCHOT, 1969, p. 115). Talvez seja a proposta de pedagogia e a descontinuidade (que poderá ser vista como acontecimento, como exploraremos a seguir) que fazem Elfo “*pensar muitas coisas*”. Assim, podemos pensar em um outro tipo de investimento colocado em ação pelos filmes: a possibilidade de mudança social. Os filmes, assim como o faz *Beautiful Boxer*, podem anunciar outros modos de ser, de se relacionar. O caráter político dos artefatos culturais pode provocar e contribuir com elementos para novas realidades inventadas.

Excerto 4 “E aí ele vai pra um mosteiro, pra ser budista. [...] Aí foi passando. Lá no mosteiro, eles mandam ele ir com um monge pra um lugar. Aí nisso ele vai. E ele guardava um batom dentro da roupa dele, sempre que tava sozinho ele via aquele batom e se imaginava. Ele simplesmente lembrava de quando ele era pequeno, eles foram ver uma luta aí tinha como se fosse uma luta aqui e ali tivesse uma moça dançando. Aí na hora que o lutador bate na cara do rapaz, ele se assusta. E ele se protege como que querendo chorar, aí ele vai ver a moça dançando. Aí ele se encanta. Aí então todo aquele encantamento daquela moça ele leva pra vida dele toda. Ele o tempo todo pensando naquela moça ‘eu queria ser aquela moça’. E aí o monsenhor que seguia ele no caminho virou pra ele e falou assim ‘meu filho, você tem certeza que é esse caminho que você quer seguir?’. Aí ele

perguntou assim ‘qual?’. Aí falou assim ‘você quer ir andando comigo até lá?’. Aí ele falou assim ‘pra falar a verdade, não’. Aí ele falou assim ‘então vai seguir seu caminho, volta pra trás’. Aí ele volta correndo. E a partir daí ele cresce um pouco, conhece uma trans e começa a trabalhar com ela”.

(Elfo – 2016).

A narrativa traz experiências, ainda, que são atravessadas pelo encantamento – tanto quando diz da sua experiência, como quando descreve o filme. O encantamento pela arte que repensa os padrões de gênero e é produzida pela comunidade LGBTTI³; o encantamento da personagem pela dançarina. A arte Drag Queen e a bailarina encantam, fascinam, seduzem. A fala de “*o que eu quero pra minha vida*” no trecho de Elfo sobre sua infância parece ser retomada quando descreve o filme: “*Ele o tempo todo pensando naquela moça ‘eu queria ser aquela moça’*”.

Dialogando com Adilbênia Freire Machado (2014), percebemos que o encontro de Elfo com a arte Drag Queen e o encontro da personagem com a bailarina pode significar um recriar e um reconstruir de mundos: “o encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectiva de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, não é objeto de estudo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido” (MACHADO, 2014, p. 59). A partir do acontecimento de encantar-se, a criança-Elfo e a criança-Nong parecem (re)criar suas possibilidades de existência e darem sentido à sua diferença.

E é exatamente como acontecimento que compreendemos esses momentos. Em perspectiva foucaultiana, podemos compreender acontecimento como “a irrupção de uma singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção” (CARDOSO, 1995, p. 59). Ou seja, acontecimento do encantamento pode ser visto como uma ruptura com uma verdade ou uma singularidade, provocando (des)subjetivação no lugar e no momento de sua produção. Com a (des)subjetivação há desvencilhamento de um regime e produção de outras possibilidades de existência. A narrativa fílmica constrói tudo isso de forma muito emblemática: o susto da personagem ao ver a violência no ringue associada ao universo feminino e o encontro com a *moça dançando*, que oferece nova possibilidade de movimentar o próprio corpo.

³ Referência a Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais.

Excerto 5: “Aí o irmão dele mais velho cisma de ser lutador. Aí chamou ele pra ir junto e ele foi né. Aí o que acontece: o irmão dele chega lá cheio de marra e tal e os meninos batem no irmão dele. Aí o mestre lá fala “tira a mão dele” e pergunta pro outro “você quer ser lutador?”. Aí ele “eu não, é meu irmão que quer”. Aí ele fala assim “não, mas seu irmão aqui pra gente não dá. Chuta o saco”. Aí ele falou assim: “eu, chutar? Ah, pra mim não dá não”. Aí ele falou “chuta o saco”. Ele chutou. Aí ele falou assim “você fica, seu irmão vai embora”. Aí ele virou e começou a treinar e a treinar, mas ele achava que não ia dar em nada. Só que aí ele virou um dos maiores lutadores de Tailândia.”

(Elfo – 2016).

Contemplamos novo acontecimento: que marca tanto a trajetória da personagem quanto a trajetória de Elfo. Assim como no filme, em parte de sua vida Elfo vai com o irmão a uma academia de luta, onde o treinador propõe um exercício de avaliação. Elfo tem boa aprovação e inicia os treinos. Lançamos olhar a esse trecho pensando nas relações de poder que estão imbricadas (entre irmãos, entre os outros lutadores, entre os treinadores) e, de novo em perspectiva foucaultiana, percebemos que são essas relações que irão gerar as estruturas de significantes para constituir a interpretação de prazeres em forma de desejos. Essas estruturas (ou matrizes) serão as

práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser. (FOUCAULT, 1984, p. 11).

Podemos pensar as práticas de luta enquanto práticas de decifração, reconhecimento e confissão dos prazeres, de rompimento com as regulações impostas a Elfo. No mesmo sentido, trazemos o trecho final do filme que é narrado:

Excerto 6: “Aí nisso ele começa a se maquiuar. Um dia o professor encontra ele maquiando a esposa e ele maquiado dentro do carro. Aí o professor perguntou “você gosta de se maquiuar?”. Aí ele falou “sim”, com muito medo, mas falou. Aí ele falou assim “então tá”. Aí na outra luta dele cobriram a cabeça dele. Aí quando ele chega pra luta ele está todo maquiado. Aí todo mundo começa a rir da cara dele. E tipo “ah bonequinha, vem dar beijinho” não sei mais o que. Fazendo deboches e tal. E nisso ele começa a transição dele dentro do ringue. Então ele se torna uma linda mulher dentro do ringue. E assim, é lindamente lindo. Aí depois, no final do filme já, ele senta de frente pro espelho. Aí aparece ele homem conversando com ele mesmo mulher. Aí ele falando “chegamos a onde queríamos,

agora vou te deixar”. Aí ela fala assim “não, não vá”. Aí ele fala “não, quando você precisar de mim, é só me chamar que eu vou estar aqui.”

(Elfo – 2016).

Essa parte final nos traz de volta a experiência de acolhimento demonstrada pelo professor, mas também a experiência de medo e de abjeção: “*Aí todo mundo começa a rir da cara dele*”. As narrativas de diferença indicam, em alguns momentos, para esse quadro de abjeção: “o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito” (BUTLER, 2000, p. 111). A abjeção diz dos lugares de incômodo, estranhamento, diferença e desajuste. Entretanto, Elfo narra um novo acontecimento no filme: “*E nisso ele começa a transição dele dentro do ringue. Então ele se torna uma linda mulher dentro do ringue*”. Pensamos a narrativa a partir das proposições *queer*: o acontecimento sinaliza um repensar, testar, esgarçar, ironizar e provocar as relações – e seus sujeitos – com novos enquadramentos e possibilidades.

Por fim, ressaltamos a cena do espelho descrita por Elfo como uma negociação de identidades e prazeres. Fazendo relação com as análises de Christian Metz (1980, p. 55) sobre imaginário do cinema e seu diálogo com Lacan, podemos perceber que os processos de identificação por essas mídias podem se constituir de forma primária: uma identificação feita com a tela como espelho da própria experiência. Ainda que as experiências e a identificação de Elfo não tenham se fixado naquela visão espelhada da experiência da protagonista do filme, aquela imagem e aquele momento ficaram guardados à memória e foram trazidos à conversa, produziram subjetivações. O espelho, nesse caso, não refletiria a imagem real, verdadeira, mas traços, linhas que vão compondo um sujeito. Ver-se de outros modos, ver-se em outros corpos, imaginar outros modos de ser. O espelho funciona como dispositivo de voltar-se a si mesmo, rever trajetórias, reencontrar os rastros dos sujeitos que fomos e os rascunhos dos que poderemos ser. A identificação com a imagem, com o filme, se produz na medida em que Elfo preenche um “*espacio en médio*”, como propõe Fernando Hernández, espaço que “*posibilita um encuentro conversacional del que emergen nuevas relaciones y significados*” (HERNÁNDEZ, 2012, p. 24). Espaço “em branco” entre as imagens do filme e aquelas construídas por Elfo possibilitaria, assim, estabelecer uma relação tanto de interpretação quanto de

autocompreensão. Importa, nesse sentido, as posições de sujeito que ocupamos ao nos relacionarmos com as imagens. No caso de Elfo, trata-se de um sujeito em processo de questionamento das normas binárias de gênero, um sujeito em processo de resistência ao destino fixado na lógica heteronormativa. Tal relação entre imagens, preenchendo “el espacio del médio”, nos convida, como propõe Hernández (2012), a nos confrontar também com as incoerências, com as ambiguidades e ambivalências, enredando-nos em processos de dessubjetivação.

“Ele se torna uma linda mulher dentro do ringue”? – Construções de gênero

A narrativa fílmica nos conduz pela história de Nong Toom. Com ela podemos acompanhar um processo conflituoso de tornar-se que se expressa em marcas específicas de gênero, pois, como foi dito, apesar de ter sido designado como um menino ao nascer, Nong Toom expressará, desde a infância, o desejo de aproximar-se do que pode ser lido como um ‘outro mundo’, ou seja, o mundo feminino. Um processo de tornar-se que não designa, portanto, um destino previamente fixado, que deveria ser prontamente assumido, mas um processo de negociação com os significados culturais e as relações sociais de gênero, com vistas à sua constituição subjetiva. No atravessamento de experiências consideramos relevante destacar os modos como os processos de subjetivação são regulados pelas normas de gênero— assim é possível que Elfo, uma pessoa que se autoidentifica como não-binária, sinta-se afetada pelas experiências de Nong Toom, cuja constituição como sujeito de gênero tem como referência, a partir do que narra o filme, o sistema binário que organiza o mundo em referências de oposição masculino/feminino. Esse jogo é um elemento constante na narrativa fílmica, desde o mote central, qual seja, um lutador de boxe tailandês femininizado.

Feminizar: ato performativo de gênero, ação do sujeito sobre si, incorporando regulações de gênero instituídas culturalmente como referência para tornar determinadas representações social e culturalmente inteligíveis (BUTLER, 2014). Nong Toom volta-se para si mesmo, intervindo sobre seu corpo: inicialmente com adornos, maquiagens, trejeitos lidos como femininos; posteriormente, após uma trajetória de sucesso no boxe tailandês, reúne a

quantia necessária para a cirurgia de transgenitalização que transforma a materialidade corporal no que parece ser interpretado como modificação chave de sua subjetividade.

Nong Toom pode ser uma ‘mulher’? Essa questão se coloca ao pensarmos no que confere inteligibilidade ao corpo de uma mulher. Seguindo as proposições de Friederichs e Souza (2016), nos perguntamos o que tornaria esse corpo feminino, de que modos Nong precisaria agir, que normas assumir, o que precisaria aparentar? A feminilidade somente poderá ser fabricada à medida que, “entre as disputas dos efeitos de verdades dos discursos” (p. 197), Nong assumir certas normas sociais e culturais vigentes, próprias do tempo em que se passa o filme. São as normas de gênero, portanto, que garantem a inteligibilidade dos corpos, regulando e disciplinando os sujeitos de acordo com códigos de conduta circunscritos ao que é ‘masculino’ e ‘feminino’. Normas que vão se naturalizando, acabando por invisibilizar-se. Assim, “legitima-se um feminino normal”, naturaliza-se atributos como a fragilidade, a delicadeza, a emotividade, o zelo, normas que “acabam por se ‘cristalizar’ e sinalizam estar, desde sempre, nos corpos, fazendo esquecer que para estar ali há uma série de investimentos, treinos, aprendizagens, superações”. (FRIEDERICHS e SOUZA, 2016, p. 198). Nong vai assumindo certa feminilidade e apropriando-se dos significados instituídos na cultura da qual é parte, à medida que se afasta de atributos masculinos, até o momento em que se torna insustentável permanecer com a prática do boxe tailandês, já que esse esporte vai de encontro ao que pode ser interpretado como feminino, envolve robustez, força, brutalidade. Podemos pensar que com Elfo, assim como Nong, há também um investimento construção corporal, porém, modificando-o para afastar-se do feminino. Elfo também expressa o desejo pela transformação e o prazer que esse investimento produz:

Excerto 7: “Igual eu te falei, eu comecei a malhar pra perder um pouco de peso e tomando esse inibidor [de hormônio feminino] que eu comecei, eu vou ficar um pouco mais andrôgena. Aí eu pensei “vou adorar!”. Porque vai chegar um pouco onde quero. Foi o que falei, eu quero aumentar um pouco meu tórax, eu quero aumentar mais. Existe só uma coisa que não gosto no meu corpo, que me incomoda. São os seios. Aí eu não penso em fazer cirurgia. Eu malhando, como já é pouco, eu malhando dá pra ficar muito bem. Aí eu decidi fazer isso. E também dependendo da blusa que uso, não dá nem pra notar.”

(Elfo – 2016).

Mesmo que os corpos sejam ordenados em um sistema binário de gênero, a partir dos diversificados processos de normalização e controle, tornando-os inteligíveis como masculinos e femininos, o caráter performativo dos gêneros institui “um espaço contingente, aberto a transformações. Espaço que estabelece possibilidades para tensionar as fronteiras de uma ‘verdade’ de gênero inventada e sustentada por meio de discursos, práticas, relações de poder e instituições.” (FRIEDERICHs e SOUZA, 2016, p. 199). A imagem corporal elaborada por Elfo faz uma composição de elementos que provocam deslocamentos à binaridade de gênero, jogando com delimitações. O prazer em “ficar um pouco mais andrógena”, aumentando o tórax, mas mantendo os seios, pode ser pensado como parte das “possibilidades de re-invenção e re-significação através da citação das normas regulatórias dos gêneros em contextos outros” (*id.*, p. 203).

Nong Toom femininiza-se no esporte. Não qualquer esporte, uma modalidade de luta esportiva. Espaço instituído para expressão de certa masculinidade, para a exacerbação da virilidade, da força, da agressividade. Pode habitar esse espaço um corpo em femininização? Pode habitar esse espaço um corpo lido como feminino? Chama a atenção a trajetória de Nong Toom, que pode ser ilustrada numa das cenas finais da película, onde podemos observar do menino à mulher (cena em que ela aguarda o ônibus). A trajetória de um corpo em processo forjado nas fronteiras do binário masculino-feminino. Um corpo que desafia os ditames normativos ao posicionar-se em arenas de certa masculinidade cultuada. Um corpo que, desde sempre, parece mostrar sinais de inadequação.

Nong chega ao centro de treinamento de boxe tailandês acompanhando seu irmão, que expressava fortemente o desejo pela prática esportiva e gabava-se de sua inclinação natural, sua virilidade – já que autoidentificado homem. A partir dos argumentos de Daniel Welzer-Lang pensamos que se estabelece uma valorização das culturas da masculinidade em detrimento do que é construído enquanto feminino: “os homens que não mostram sinais redundantes de virilidade são associados às mulheres e/ou a seus equivalentes simbólicos: os homossexuais.” (WELZER-LANG, 2001, p. 465). O irmão é rapidamente ridicularizado ao fracassar em seu teste inicial de socos e chutes. Ridicularizar é parte do processo de regulação normativa dos gêneros, algo que se potencializa em determinados espaços e situações – como no caso desta cena em

que Nong e seu irmão encontram-se cercados pelos aprendizes de luta e seu mestre. Com o aparente fracasso do irmão, Nong é convidado a testar suas habilidades e o treinador as aprova, convidando-o a integrar-se àquele grupo. Inicia-se ali um processo conflituoso, de negociação e tensão entre o desejo de Nong em ajudar a família e poder realizar seu maior desejo – tornar-se uma mulher – e submeter-se às práticas corporais inerentes ao boxe tailandês.

No entre, no processo de tornar-se, no que parece ser uma trajetória que vai do menino que se borrava com a maquiagem da mãe à concretização do corpo feminino tão almejado, as tensões se intensificam. No princípio, Nong repudia a violência, não se vê praticando tais ações. Talvez associe a violência a uma masculinidade com a qual não se identifica ou mesmo a uma feminilidade – já que a composição do feminino pode passar por estereótipos de mansidão, calma, submissão, recato. Entremeando narrativas, Elfo, que também se interessou por lutas em determinada fase de sua vida, apresenta-nos possibilidades outras de pensar. Se Nong estabelece para si uma trajetória de progressiva femininização associada às normas de gênero reiteradas em sua cultura, Elfo percorre outros caminhos, assumindo para si atitudes interpretadas como “*bem de menino*” (bater, chutar, morder) e, ao mesmo tempo manter uma “*meiguice de menina*”:

Excerto 8: “Igual, entre as mulheres, entre as meninas tem aquele medo de ‘ah eu vou ser estuprada, alguém vai me pegar’ e eu não tinha isso. Porque se alguém encostar em mim, eu bato. Então eu tenho isso. Se me encostar, se me agarrar, eu bato, eu mordo, eu chuto... não quero saber. Então uma coisa que era assim, bem, uma coisa bem de menino. E ao mesmo tempo eu tinha e tenho a meiguice de menina. E eram coisas que, até pouco tempo, eram estranhas pra mim.”

(Elfo – 2016).

Dois principais elementos se destacam nessa narrativa. Em primeiro lugar a associação da violência com a masculinidade. Como nos diz Daniel Welzer-Lang (2001), as violências contra si e contra os outros existiriam para que os meninos/homens ganhem “o direito de estar com os homens ou para ser como os outros homens.” (p. 463). Uma coisa “*bem de menino*” é ser capaz de usar da força, da agressividade, mesmo que em defesa própria. Ocorre aí uma naturalização da relação entre masculinidade e violência, tanto que é sob essa prerrogativa que ela aparece nos comportamentos de sujeitos femininos. Eis aqui o segundo elemento, ao que parece, a agressividade pode ser um modo de resistir às vio-

lências impostas aos sujeitos femininos, uma resposta a essas violências. Figuraria também como uma forma de resistência a certas normas de gênero que impu- tam às meninas/mulheres o lugar da fragilidade, da passividade, transformando- -as em vítimas constantes. Nong Toom aproxima-se do boxe tailandês, como foi dito, para reunir os recursos que o permitiriam ter outra vida, ser outra pessoa. No entanto, ao assumir uma identidade e uma expressão feminina, após realizar a cirurgia de transgenitalização, as habilidades construídas com a luta não de- saparecem. A cena inicial do filme nos mostra Nong enfrentando homens que agrediam o repórter que viria a entrevistá-la, algo que parece instituir um sujeito híbrido, uma composição entre marcas de feminilidade e de masculinidade.

Com o passar do tempo, vislumbrando o horizonte da concretização do processo feminizador, Nong Toom parece adaptar-se ao contexto, às exi- gências próprias da prática esportiva, constituindo um corpo para a luta. Um corpo que vai conjugar o aprimoramento da musculatura, da força, dos movi- mentos certos e precisos do boxe tailandês, com uma imagem da feminili- dade que marcará a inadequação desse corpo. Após permanecer escondida, essa imagem se revela na cena em que Nong está ao lado da companheira de seu treinador. Destaca-se a diferença com que o mestre percebe sua esposa e Nong – ambos maquiados. Ele simplesmente indaga se ele gosta disso e, com a resposta positiva de Nong, apenas deixa a sala, indicando, para surpresa de todos, uma possível aceitação.

Com os argumentos de Vagner Prado e Arilda Ribeiro (2014) proble- matizamos o esporte enquanto um mecanismo regulador dos corpos no que tange ao sistema sexo-gênero-sexualidade, no qual um corpo designado como macho ou fêmea no nascimento (até antes de disso, tendo em vista o apri- moramento das tecnologias médicas de visualização dos corpos intrauterinos) necessariamente deverá constituir-se como masculino ou feminino e, por con- sequinte, expressarem exclusivamente o desejo heterossexual. O esporte, as- sim como outras pedagogias, ensina, repete, reitera marcações de gênero nos corpos, reforçando os processos de naturalização, que buscariam nos aspectos biológicos a centralidade para a definição do sujeito inteligível. As práticas corporais esportivas seriam locais de produção da mulher como “sujeito per- dedor”, portadora de um “corpo frágil”, em relação ao homem, para quem o esporte seria parte da confirmação de sua virilidade e, por conseguinte, desvinculação dos valores ditos femininos (PRADO e RIBEIRO, 2014, p. 208).

Se na Tailândia é vetada às mulheres a possibilidade de praticar o boxe tailandês (CHAVES e ARAÚJO, 2015), o tornar-se feminino de Nong pode ser lido como desafiador das tradições, tomando um “caráter pedagógico e político”, que faz da sua presença a possibilidade de visibilizar a pluralidade dos corpos, dos gêneros, das sexualidades, como argumentam Carla Grespan e Silvana Goellner (2014, p. 1279). O esporte, enquanto lugar de expressão das tradições, é irrompido por um corpo que, embora em processo de femininização, mantém-se exercendo práticas corporais culturalmente designadas como masculinas. Ao romper com a suposta linearidade do sistema sexo-gênero-sexualidade, Nong Toom vai além de dar visibilidade a outros contornos de feminilidades possíveis, contribui para “revelar a potência do discurso heteronormativo no campo esportivo e fora dele” (GRESPLAN e GOELLNER, 2014, p. 1268).

No mesmo sentido, acreditamos que as práticas esportivas de Elfo, ainda que não se localizem em um campo profissional ou de grande visibilidade, acionam atitudes desafiadoras parecidas às de Nong. Elfo intenta um movimento performático que escape do *exclusivamente feminino* e do *exclusivamente masculino*, fazendo emergir, de dentro do espaço regulatório do esporte, um cenário indefinido, de questionamento e provocação. Wagner Camargo e Carmen Rial (2009) vão defender esses casos de desconstruções de signos performáticos dos corpos em transformação como uma prática de *esporte queer*, acreditando que essa é uma característica da pós-modernidade marcada pelo tensionamento que a indefinição de um corpo assim pode trazer.

Ao mesmo tempo em que esse tensionamento pode produzir um “novo” espaço para a diferença, a multiplicidade e a diversidade que coloque em xeque as limitações de uma ordem binária no esporte, que dê conta da complexidade dos gêneros, sexualidade e corpos, ele poderá produzir também o vislumbre de como as subjetividades marginalizadas pela heteronormatividade poderão ser capturadas para enquadrarem-se dentro dos pressupostos do sistema esportivo padrão. Ficamos, assim, com o mesmo questionamento de Camargo e Rial (id.): “Seria possível uma matriz própria de inteligibilidade das manifestações esportivas LGBT a partir de elementos constituintes do pós-moderno que se oferecessem como novos padrões a serem considerados?” (2009, p. 285).

Considerações finais

Ao lançarmos olhar à narrativa de Elfo e propor um diálogo com o filme *Beautiful Boxer*, intentamos ir ao encontro dos estudos de diferença, identidade e subjetividades. Entendemos que existem alguns atravessamentos filme-vida, Elfo-personagem: as narrativas se confundem, se complementam e, ainda, produzem uma a outra. Um filme que experiencia a transgressão às normas de gênero e a transgressão que experiencia o filme. Trajetórias que misturam dúvidas e dores com prazeres e alegrias, corpos que encantam, que fascinam, que também provocam estranhamentos.

O corpo de Elfo e o corpo da personagem criam fluxo entre si. Assim, vamos ao encontro de Maycon Silva Lopes (2016) quando sinalizamos que parece persistir “uma latente possibilidade de perturbação deste corpo, a ponto dele ser passível de estranhamento, de ser tomado como um algo não familiar, ou um corpo estranho” (LOPES, 2016, p. 6). Se apostamos na potencialidade do encantamento, o fazemos também em relação à potencialidade do estranhamento enquanto (des)subjetivação. Provoações e desestabilizações que poderão dizer de novas experiências, novas possibilidades de existência.

A potencialidade do estranhamento que desarmoniza a ordem binária dos gêneros, desconstrói representações historicamente produzidas, perturbam os efeitos das regulações que normalizam os corpos, coloca em tensão saberes que instituem o normal (GRESPLAN e GOELLNER, 2014). Estranhamento que classifica Nong Toom como inadequado para o espaço ao qual reivindica pertencimento. Estranhamento que não é impeditivo para que a personagem permaneça no universo do boxe tailandês e seja vitoriosa, mesmo que esse espaço seja socialmente atribuído a sujeitos considerados ‘verdadeiramente’ masculinos. A esse respeito, seguimos com as análises de Gresplan e Goellner (2014) ao pensar que as práticas esportivas, assim como as demais práticas sociais, “é um local de disputa de saberes e poderes que definem e delimitam padrões de normalidade sobre a aparência dos corpos, o exercício da sexualidade e a experimentação das representações de gênero.” (p. 1278).

Por fim, estamos falando de processos pedagógicos. De que modos podemos nos colocar no mundo, aprender a ser quem somos, ocuparmos-nos de nós mesmos/as na relação com as normas instituídas e com os riscos e prazeres de confrontá-las? Processos pedagógicos nas experiências vividas,

nas práticas esportivas e no cinema. A pesquisa possibilitou o encontro com sujeitos como Elfo, ressoando para outros encontros, com o filme *Beautiful Boxer*, com Nong Toom. Assistir ao filme é, nesse sentido, envolver-se com uma prática pedagógica, já que com os filmes e a partir deles, continuamente, os sujeitos produzem ou transformam a experiência que têm de si mesmos, ou seja, há uma lógica dos filmes e outros artefatos como dispositivos pedagógicos que contribuem para a construção e mediação da relação do sujeito consigo mesmo. O sentido do “pedagógico” aqui se aproxima do proposto por Jorge Larrosa, mais como uma operação constitutiva, “isto é, produtora de pessoas”, não se limitando a mediação da aprendizagem de algo “exterior”, um corpo de conhecimentos (LARROSA, 2002, p. 37). O caráter pedagógico dos artefatos culturais é sistematicamente ocultado e a relação com os sujeitos no processo de fabricação de uma experiência de si permanece naturalizada e não problematizada. Ao analisarmos o filme percebemos que ele nos apresenta um sentido de realidade em que o caráter pedagógico pode produzir outros contornos. O sentido de verdade do “real” do filme produz algum tipo de relação específica com quem assiste. Como se as pessoas pudessem identificar algo que se aproxime de suas vidas, ou seja, se é vida real, então eu também posso fazer isso na minha vida, também pode ser a minha verdade. A força com que Elfo fala do filme e como ele marca sua vida parece nos indicar isso.

Com este artigo nos propusemos a visibilizar processos pedagógicos com o cinema, problematizando atravessamentos de experiências. Como argumentam Marta Friederichs e Jane Souza (2016), quando se assiste às cenas de um filme, “as personagens eu estão nas telas, por serem efeitos de discursos, contam e ensinam, através de seus corpos, sobre uma determinada época, cultura, relações de gênero, regionalidade. Assim, o cinema se constitui como um potente espaço para tensionar modos de ser e viver.” (p. 196).

Resumo: O artigo se propõe a analisar processos de (des)subjetivação em jogo no atravessamento de narrativas entre Elfo, uma pessoa que se autoidentifica como não-binária no que diz respeito às suas expressões e performances de gênero, e um filme por ela narrado no contexto de uma pesquisa no campo da educação. Trata-se de *Beautiful Boxer* (2003), película de origem tailandesa que apresenta a vida de Nong Too e suas experiências enquanto transexual: um lutador de *muaythai* (boxe tailandês) designado enquanto homem ao nascer, e que decide investir na carreira de lutador e disputar o torneio nacional para ajudar sua família e viabilizar seu sonho de passar

por tratamentos hormonais e cirurgia de transgenitalização. Ensaíamos um diálogo, em perspectiva pós-estruturalista, entre a narrativa fílmica e a narrativa de si, a fim de problematizar os processos de (des)subjetivação de pessoas que lutam para existir em um mundo organizado pelo binário feminino/masculino. Nossas análises nos conduzem a pensar esses sujeitos, os sentidos do que são, suas performances e expressões, envolvidos em processos educativos, para além do que social e culturalmente vem se estabelecendo como 'educativo'.

Palavras-chave: gênero; pessoas não-binárias; cinema; narrativa; processos de (des)subjetivação.

Abstract: The article proposes to analyze processes of (de)subjectivation at play in the crossing of narratives between Elfo, a person who identifies himself as non-binary with his expressions and performances of genre, and a film narrated by him in the context of a research in the area of education. It is Beautiful Boxer (2003), Thai film that presents the life of Nong Toom and his experiences as a transsexual: a muaythai (Thai boxing) fighter appointed as a man at birth, and who decides to invest in the career of fighter and compete in the national tournament to help his family and enable his dream of going through hormonal treatments and transgender surgery. We rehearsed a dialogue, in a poststructuralist perspective, between the film narrative and the narrative of itself, aiming to problematize the processes of (de)subjectivation of people who fight to exist in a world organized by the feminine / masculine binary. Our analyzes lead us to think these subjects, the senses of what they are, their performances and expressions, involved in educational processes, beyond what is socially and culturally established as 'educational'.

Keywords: gender; non-binary people; movie; narrative; processes of (de)subjectivation.

Referências

- BLANCHOT, Maurice. *Lentretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 09-27.
- BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42. p. 249-274. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf>>. Acesso em 10 mar. 2017.
- CAMARGO, Wagner. RIAL, Carmen. Esporte LGBT e Condição Pós-Moderna: notas antropológicas. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, Florianópolis, v.10, n.97, p. 269-286, jul./nov. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-9851.2009v10n97p271/11387>>. Acesso em: 20 set. 2017.
- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. *Tempo Social: Revista de Sociologia*. USP, São Paulo, ed. 7, p. 53-66, 1995.
- CHAVES, Paula Nunes; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. Pensando o corpo travestido etranssexualizado no esporte: uma análise da película Beautiful Boxer. *Motrivivência* v. 27, n. 45, p. 219-229, setembro/2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p219/30207>. Acesso em: 10 set. 2017.
- DOS REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e Educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25. 2016.
- FERRARI, Anderson. Sujeitos, subjetividades e educação. In: FERRARI, Anderson (Organizador). *Sujeitos, subjetividades e educação*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010, p. 07-18.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRIEDERICH, Marta; SOUZA, Jane Felipe de. O corpo feminino: ficções para ser e estar nas telas do cinema. *Textura*, v. 18, n.38, p. 195-214, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/tbra/article/view/2211/1946>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GRESPLAN, Carla Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon fox: um corpo queer no octógono. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, out./dez. de 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/46216/32479>>. Acesso em: 10 set. 2017.

HEITER, Celeste. *Film Review: Beautiful Boxer*. ThingsAsian.2010. Disponível em: <<http://thingsasian.com/story/film-review-beautiful-boxer>>. Acesso em 19 de julho de 2017.

HERNÁNDEZ, Fernando Hernández y. El lugar de 'em medio': la pedagogía de la cultura visual como espacio de relación y resonancia. In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de (Orgs.). *Política e poética das imagens como processos educativos*. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2012. p. 19-36.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 35-86.

LOPES, Maycon Silva. *Notas para uma fenomenologia queer*. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/1942325/Notas_para_uma_fenomenologia_queer.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2017.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. *Páginas de Filosofia*, v. 6, n. 2, p. 51-64, 2014.

METZ, Christian. *O significante imaginário: psicanálise e cinema*. Lisboa: Horizonte, 1980.

PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Educação física escolar, esportes e normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais. *Revista de Educação da PUC-Campinas*, Campinas, v. 19, n. 3, p. 205-214, set./dez., 2014. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reveducao/article/view/2854>>. Acesso em: 10 set. 2017.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, ano 9, v.2, p. 460-482, 2001. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200008/8853>>. Acesso em: 20 set. 2017.

Recebido em Agosto de 2017

Aprovado em Setembro de 2017